

## AS CONSTRUÇÕES E SUAS ROTAS DE MUDANÇA

Elaine Cristina Silva Santos<sup>1</sup>

**Resumo:** A evolução dos estudos e pesquisas sobre a língua e a linguagem no Brasil, assim como sobre os estudos especificamente vinculados ao processo de ensino e de aprendizagem da língua portuguesa como língua materna provocaram, nos últimos anos, a reflexão e o debate acerca da necessária revisão dos objetos de ensino em sala de aula e conseqüentemente dos materiais didático-pedagógicos. É necessário considerar que a variação e a mudança linguísticas como fatos intrínsecos aos processos sociais de uso da língua devem contribuir para que a escola entenda as dificuldades dos alunos e possa atuar mais pontualmente para que eles compreendam quando e onde determinados usos têm ou não legitimidade. Essa compreensão favorece um alto grau de consciência social e linguística, o que favorecerá o surgimento de um desempenho sociolinguístico adequado às situações interativas de que participam, sejam elas vinculadas às práticas orais, sejam elas vinculadas às práticas escritas. Uma das formas de atuação consciente para uma abordagem pedagógica deriva da contribuição científica dos estudos sobre os processos de gramaticalização das intenções. Essa ideia baseia-se no postulado de Givón sobre a experiência humana ser simbolizada nas modalidades linguísticas. É o que propomos com esta tese: discutimos o processo de gramaticalização da dúvida a partir da categoria cognitiva de tempo.

**Palavras-chave:** Locução adverbial temporal. Gramaticalização de advérbio. Dúvida.

**Abstract:** The evolution of studies and researches about the idiom and language in Brazil, as well as about the studies specifically attached to the process of teaching and learning the Portuguese language as a mother language have provoked, in the last years, the reflection and debate over the necessary review of objects of teaching in the classroom and consequently the didactic-pedagogic material. It's necessary to consider that the variation and linguistic change as intrinsic facts to the social processes of language use must contribute so that the school understands the difficulties of the students and may act more punctually so they comprehend when and where certain uses are or not legitimate. This comprehension favors a high degree of social and linguistic consciousness, which will favor the emergence of a social-linguistic performance appropriate to the interactive situations they participate, whether they are connected to oral practices or written practices. One of the ways of conscious acting to the pedagogic approach comes from the processes of grammaticalization of intentions. This idea is based on Givón's postulate on the human experience be symbolized in the linguistic modalities. It is what's intended with this thesis: to discuss the process of grammaticalization of doubt through the category cognitive of time.

**Palavras-chave:** Adverbial temporal locution. Grammaticalization of the adverb. Doubt.

## INTRODUÇÃO

Com o surgimento dos estudos de linguística baseados no uso, inicia-se um novo modo de observar os fatos linguísticos. Agora, o foco de interesse não recai propriamente na descrição da língua como sistema autônomo e estável, nem somente na língua como instrumento para atingir determinados fins, um sistema complexo por natureza, mas como um. Tendo em vista que os processos de mudança da língua respondem às necessidades interativas durante a comunicação, Lima-Hernandes (2005; 2008; 2010), é de se esperar que essa dinâmica promova uma contínua (re)organização da mente no sentido de incorporar um uso novo por caminhos produtivos disponíveis na bagagem de conhecimento prévio de todo falante no exercício de compreender a perspectiva do outro. Um desses processos é o de *gramaticalização*, que promove que conceitos “concretos” sejam mobilizados para o entendimento, explanação e descrição de fenômenos mais abstratos<sup>2</sup> e, num plano construcional, a atração de formas semelhantes para funções inovadoras. Dessa forma, construções mais arraigadas na língua mobilizam-se para o entendimento, explanação e

<sup>1</sup> Professora da Universidade Federal de Sergipe (UFS). E-mail: [elacris@usp.br](mailto:elacris@usp.br)

<sup>2</sup> Justamente por essa razão, Heine (1994) defende que, para se dar conta da gênese e desenvolvimento de categorias gramaticais, é necessário que se realize uma análise sobre a manipulação cognitiva e pragmática, razão por que a transferência conceptual e contextos que favorecem a reinterpretação devem ser observados.

descrição de outras construções menos usuais, que acabam reanalisadas e agregadas às primeiras.

Funcionalistas cognitivistas têm se voltado para o contexto de emprego, para a combinação de signos linguísticos e não-linguísticos (como gesto, força ilocucionária, convicção etc.). Quanto mais ritualizado parecer uma construção, mais abstratizada será com a incorporação de elementos pressupostos e/ou inferidos. Essa ritualização tem como efeito correlato a alta frequência de uso, que retoma o círculo virtuoso: alta frequência > automatização > inconsciência... Haiman (1994)<sup>3</sup> e também Bybee (2003), dentre outros, se interessaram em explicar esse mistério de frequência e de abstratização de expressões. Haiman voltou-se para o efeito do uso e Bybee para o método de apreensão desses efeitos. Ambos, contudo, defenderam que a frequência de uso e o esvaimento de uma prática atuariam como gatilhos para a habituação, sucedida pela blocagem do uso (automatização) e posterior redução fônica. Todos esses fenômenos linguísticos culminariam com a emersão de uma função mais gramatical<sup>4</sup>. Mas a pergunta persiste: como se dá essa passagem? Qual o processo ou mecanismo que responde a essa mudança?

Alinhados com Clark (2000)<sup>5</sup>, assumimos que língua e também linguagem são formas de cognição e também de processamento social, porque servem para fazer coisas no plano individual e também realizar ações conjuntas (plano social)<sup>6</sup> que podem ser assumidas como hábito na sociedade (plano cultural). Conhecer, portanto, como o indivíduo codifica uma intenção pressupõe recolher pistas de processamentos cognitivos na codificação linguística.

A mente do indivíduo, a não ser quando alvo de processos patológicos, não involui. Assim também é o processo de gramaticalização e de construcionalização. Especificamente nas construções, as menos complexas são imantadas pelas mais complexas. As molas desse processo são mecanismos mentais a partir dos quais linguistas formulam princípios, daí, por exemplo, a unidirecionalidade e a iconicidade. Depreender a atuação desses, contudo, nem sempre parece ser uma tarefa fácil.

Uma outra perspectiva analítica que permite investigar a dinâmica gramatical é aquela desenvolvida pelos primeiros estudos do Grupo de Pesquisa CNPq-USP “Mudança Gramatical do Português - Gramaticalização”, cujos pesquisadores associados descrevem e explanam as funções de itens e construções que vão ganhando em complexidade linguística à medida que objetivos e intenções cada vez mais complexos são manifestados<sup>7</sup>. Assumindo uma abordagem que mescla os estudos sobre gramaticalização e a descrição da língua baseada

<sup>3</sup>Haiman, por exemplo, defendeu que alguns fenômenos revelam-se no uso: a) **habituação** – que resultaria da repetição e esgotamento de um objeto ou prática cultural de sua força e frequência de seu significado original; b) **automatização** (de sequência ou unidades) – que teria como efeito o uso em bloco em determinado contexto; c) **redução da forma** – que ocorreria com o enfraquecimento e reorganização de uma série antes entendida como uma série de informações; d) **emancipação** – que provocaria a passagem de funções mais instrumentais para funções mais simbólicas inferidas de um contexto específico.

<sup>4</sup>Esses mesmos indícios podem se manifestar – e comumente o fazem – no processo de lexicalização.

<sup>5</sup>“Em alguns campos, o uso da linguagem tem sido estudado como se fosse inteiramente um processo individual, como se ele coubesse totalmente dentro das ciências cognitivas – Psicologia Cognitiva, Linguística, Ciência da Computação, Filosofia. Em outros campos, ele tem sido estudado como se fosse um processo inteiramente social, como se ele estivesse inteiramente dentro das ciências sociais – Psicologia Social, Sociologia, Sociolinguística, Antropologia.” O autor afirma que o uso da linguagem pertence a ambos. Clark, (2000).

<sup>6</sup>Clark, com esse espírito de associar cognição com aspectos sociais da linguagem, apresenta um desdobramento em seis proposições fundamentais que podem servir de pistas metodológicas ao trabalho linguístico: proposição 1 – A linguagem é fundamentalmente usada com propósitos sociais; Proposição 2 – O uso da linguagem é uma espécie de ação conjunta; Proposição 3 – O uso da linguagem sempre envolve o significado do falante e o entendimento do interlocutor destinatário; Proposição 4 – O cenário básico para o uso da linguagem é a conversa face a face; Proposição 5 – O uso da linguagem tem frequentemente mais do que uma camada de atividade; Proposição 6 – O estudo do uso da linguagem é tanto ciência cognitiva quanto ciência social.

<sup>7</sup>Sobre esses trabalhos, consultem-se os *links* do site [www.mgp.fflch.usp.br](http://www.mgp.fflch.usp.br).

no uso, esta tese toma como foco o estudo da construção *às vezes*, como também do item *talvez*. No entanto, não nos restringiremos ao estudo das categorias linguísticas; voltaremos nossa atenção para a relação entre as categorias que compõem essas construções e as atitudes, intenções e avaliações do falante durante a interação, já que, segundo Givón (2011), a estrutura da experiência é transposta pelo ser humano para a estruturação linguística. A questão central é identificar as reais mudanças de enfoque no ensino das classes de palavras, principalmente, do advérbio e mais especificamente das locuções adverbiais temporais. Interessa-nos, inicialmente, identificar de que modo os autores de livros e manuais didáticos explicitam as definições e as concepções dessa nova codificação em face das abordagens requeridas em cada material analisado.

A despeito de se ter uma vasta bibliografia a respeito do tema “advérbios”, tanto do ponto de vista de trabalhos pedagógicos quanto do ponto de vista de descrições funcionalistas, ainda é preciso que se analise o tema do ponto de vista da própria construção ou estruturação feita pelo usuário da língua, em sua composição sintática, já que a sintaxe sempre foi mantida como a grande representante do ensino mais tradicional. Também é necessário voltar-se ao tema de evolução de advérbios de dúvida, tema deixado à margem das discussões há tempos. Esse enfoque assumimos, mas numa abordagem da linguística baseada no uso em correlação com a teoria da gramaticalização.

### CONSTITUINDO UM *CORPUS*: A COMPOSIÇÃO DAS AMOSTRAS

No ensino médio, há que se investir no aprofundamento da análise linguística com utilização de gêneros mais elaborados com vistas à discussão de funções mais abstratizadas e complexas. Nessa proposta, espera-se que o aluno seja convidado a refletir sobre a realidade, transformação e sistematização da língua, sem usos mascarados, a não ser que seja como subterfúgio à indagação. A dinamicidade no tratamento do conteúdo pode se refletir na forma como se solicita a participação do aluno. Assim, também os exercícios devem contribuir para a atitude menos passiva do aluno, com estímulos vindos da própria língua em uso e de empregos inovadores reconhecidos em diferentes contextos.

É na busca, identificação e explanação desses empregos inovadores em que este estudo também se baseia. Para dar conta disso, será necessário reconhecer também os demais padrões de uso, ainda que não-inovadores, e situar o conjunto inovador numa linha de evolução a partir desses usos não-inovadores.

Este estudo, por isso, objetiva a análise, à luz do processo de gramaticalização, das estruturas integradas pelas construções *às vezes* e *talvez*, averiguando a trajetória assumida por essas construções e a direção das influências interacionais e sociais nos comportamentos desses itens.

Constituem-se alvo de análise materiais oriundos do acervo de redações da FUVEST (Fundação Universitária para o Vestibular) de 2004, 2005 e 2006 e também de 2010 e de 2011, que reúne as redações produzidas pelos candidatos ao exame vestibular da Universidade de São Paulo, e do acervo de redações da UFS (Universidade Federal de Sergipe) tanto de 2010 quanto de 2011. A relevância de se lidar com redações de vestibular reside justamente no fato de reconhecemos esse lugar de produção como o lugar ideal para recolher a repercussão do ensino escolar. Se a orientação gramatical normativa ou reflexiva estiver efetivamente em sala de aula, a resposta conscientemente baseada nos padrões normativos será visível nos textos.

O conjunto total do material disponível para estudo permitiu o recorte de uma amostragem para descrição. Cada uma dessas amostragens será explicitada a seguir:

<b>Fuvest</b>	2004	200 redações	100 melhores; 100 piores
	2005	200 redações	100 melhores; 100 piores
	2006	200 redações	100 melhores; 100 piores
	2010	53 redações	Somente as melhores
	2011	53 redações	Somente as melhores
<b>UFS</b>	2010	100 redações	Somente as melhores
	2011	106 redações	Somente as melhores
<b>Total</b>	-	912 redações	

### PADRÕES FUNCIONAIS DAS CONSTRUÇÕES *ÀS VEZES*

Após recolher nas amostras todas as ocorrências das construções *às vezes* e *talvez*, ou seja, dos usos que se correspondem no valor de dúvida, porém, respectivamente e em tese, um prototípico e outro inovador, chegamos aos seguintes números relativos à primeira amostragem, a da Fuvest, de São Paulo:

Itens \ Ano	2004	2005	2006	2010	2011
às vezes	05	00	03	01	00
Talvez	02	00	00	00	00
<b>Total</b>	<b>07</b>	<b>00</b>	<b>03</b>	<b>01</b>	<b>00</b>

Tabela 1- Ocorrências nas provas da Fuvest

O que vemos na tabela 1 é que, a despeito da grande quantidade de provas em que foram rastreadas as expressões, o número de ocorrências de ambas as formas estudadas é baixo. O uso de *talvez* é menos frequente. Só surgiram duas ocorrências em 2004. Não havendo mais nenhuma ocorrência nos anos posteriores – nos *corpus* analisados. Em contrapartida, a expressão *às vezes* foi mais presente nesse ano, com recorrência mais alta, cinco ocorrências. Uma hipótese aventada é que uma alta recorrência pode ser pista sobre uma polifuncionalidade, o que permitiria afirmar que essa expressão nem sempre esteja codificando a dúvida, mas, sim, uma alternativa ou uma marcação temporal prototípica. No caso da UFS, utilizada como forma de verificar a pressão do tema sobre a ocorrência de expressões de dúvida, por isso com representação em menor medida (são somente dois anos de amostragem), verificamos que, em 2006, após nenhuma ocorrência no ano anterior, a construção *às vezes* surge com mais frequências, num total de três ocorrências. Tanto pode ser que os candidatos empreguem na escrita um uso inovador por meio da expressão típica da dúvida na língua falada, quanto também pode ser que a expressão de tempo, alternado ou não, seja mais empregado devido ao tema de 2006. Os resultados da separação dessas expressões nas redações foram os seguintes:

Itens ano	2010	2011
às vezes	05	01
Talvez	01	02
<b>Total</b>	<b>06</b>	<b>03</b>

Tabela 2 - Ocorrências nas provas da ufs

Traçando uma comparação entre FUVEST e UFS (2010 e 2011), percebe-se que, o número de ocorrências do item *às vezes* se distancia um pouco entre essas redações, ressaltando-se, o ano de 2010, cujo número de ocorrências foi um pouco maior, nas redações da UFS. No entanto, o item *talvez*, nessas amostras, possui um equilíbrio na quantidade de ocorrências, mas isso não implica dizer que, nas propostas analisadas, houve identificação de advérbios nos textos e nem favorecimento por parte do tema.

Para que possamos verificar se todas as ocorrências das expressões sob análise são inovadoras, duas ações são necessárias: 1. saber que um uso dito inovador não consta das orientações normativas; 2. descrever esse uso inovador em suas peculiaridades. Imbuídos desse conhecimento, passaremos ao exercício de agrupamento de usos segundo graus de similaridade e de diferenças. A tensão entre esses polos de comportamento permite segmentar usos que estão em contextos divergentes. Vejamos os resultados dos padrões identificados com as construções *às vezes* e com o item *talvez*, respectivamente.

#### a) Padrões funcionais com valor de tempo

**ÀS VEZES<sup>1</sup>** – (tempo) *às vezes* aqui é tempo, mas é um tempo que não toma todo o momento relatado (fato real) como foco, mas é uma parte do tempo desse momento, ou seja, algumas vezes dentro dessa fase. A construção *vez* carregada numa sequência temporal já explicitada em seu entorno. Pode ser parafraseada por *em alguns casos* e construindo uma ideia de recorte temporal que não é corrente e habitual, mas faz referência a fato *realis*.

(1) “No momento estamos passando por uma fase difícil o mercado de trabalho **as vezes** é um pouco exigente em relação aos seus trabalhadores” (...) (UFS/2010/01-03)

**ÀS VEZES<sup>2</sup>** – em alguns usos, o tempo se confunde com uma ideia de partes. A expressão nesses casos faz referência a alguns dos elementos referidos e não a todos, nem à totalidade do fato real relatado (vide exemplo 2).

(2) “Atualmente para você trabalhar em um comércio a pessoa tem que seguir os padrões exigidos **as vezes** deixam de dar oportunidade as pessoas capacitadas para seguir o padrão da beleza” (...) (UFS/2010/13-16)

**ÀS VEZES<sup>3</sup>** – (tempo) *às vezes* aqui é parafraseável por *as ocasiões*, que é mais concreto que o tempo *de vez em quando*, pois é referencial a um tempo concreto, (vide exemplos 3 e 4), também pode anteceder uma ideia alternativa (exemplo 5).

(3) “Vivemos em uma sociedade na qual desde cedo somos ensinados que só vamos colher bons frutos se os plantarmos. E muitas são **as vezes** em nossas vidas que iremos nos deparar com essa lição”. (FUVEST/06/03-06)

(4) “*Às vezes me surpreendo diante da TV com tantas chamadas oferecendo vagas de emprego*”, (...) (UFS/2010/03-04)

(5) “*As pessoas vão se perdendo numa vida cheia de egoísmo, sem amor, sem respeito. Uns só querem ganhar, e não se preocupam com quem vai perder. Só que às vezes, todos acabam perdendo, uns de um jeito, e outros, de outro*”. (UFS/2011/11-16)

Derivado desse padrão temporal, encontram-se padrões de alternância temporal. A diferença fica por conta da forma de apreensão do objeto ou fato, conforme explanaremos a seguir.

#### **b) Padrões funcionais com valor de alternância temporal**

**ÀS VEZES**<sup>6</sup> - parafraseável por *algumas vezes ocorre*, focaliza o objeto, ação ou evento como algo global, que vai sendo na sequência temporal segmentado em correlação a serviço de uma argumentação mais sólida, que permite ao produtor do texto colocar-se como conhecedor da realidade mais completa. Se usar a locução sem a outra parte, fica a ideia de partitivo focalizado (vide exemplo 6), embora também possa construir uma ideia tipicamente alternativa (vide exemplos 7 e 8) numa ideia polarizada em avaliação.

(6) “*Há também aquelas janelas falsas, onde ao nos debruçarmos percebemos que estamos nos afastando da realidade vivida nas outras janelas e tentamos sair às vezes conseguindo, outras vezes não*”. (FUVEST/04/12-14)

(7) “*Todos seres vivos possuem uma história diferente, onde há os mais diversos acontecimentos, às vezes bons e às vezes ruins*”. (FUVEST/04/06-07)

(8) “*A concepção cíclica, ao contrário, representa o tempo numa circunferência, onde de tempos em tempos volta-se para o mesmo ponto. Porém, essa circunferência não é exata, senão poderíamos prever o futuro conhecendo o passado. Ela é torta, pois os fatos não se repetem completamente iguais, havendo, às vezes, grandes mudanças*”. (FUVEST/04/14-17)

#### **c) Padrões funcionais com valor de alternância de fato abstrato**

**ÀS VEZES**<sup>9</sup> – (aproximativo) este padrão realiza-se próximo a uma ideia mais objetiva de tempo e atua para conotar uma imprecisão que se aproxima do tempo objetivo e concreto. Parafraseia-se por aproximadamente, embora também contenha em si a ideia temporal e de dúvida, porém não marca a dúvida de julgamento, mas a imprecisão temporal, a incerteza da hora.

(9) “*O trabalho é algo inevitável para a maioria das pessoas. As pessoas trabalham às vezes doze horas por dia para conseguir se sustentar*”. (FUVEST/06/04-06)

Em alguns usos, esse padrão permite construir uma ideia aproximativa também para outros usos mais abstratos, pois pode anteceder duas palavras que já estão, na origem, em contraste, como é o caso do exemplo (8), em que: *passado e futuro* se aproximam. Desencadeia a impressão de relação fortemente anafórica, ou seja, relaciona-se com o que já foi dito.

**ÀS VEZES**<sup>10</sup> “Sobre a concepção econômica o passado é visto com os olhos do interesse financeiro, que o manipula a fim de que no futuro a história, mesmo às vezes alterada ou imprecisa, possa vir a ser uma forte arma política e ideológica que possa atender aos interesses das elites atuais”. (FUVEST/04/10-14)

#### d) Padrões funcionais com valor de modalização

**ÀS VEZES**<sup>11</sup> – (dúvida) é parafraseável por *talvez*. Essa construção vem antecedida por uma expressão partitiva, por meio do que o candidato demonstra ter conhecimento, bagagem de leitura, pois distribui o argumento em partes, didaticamente. Torna esse recorte subjetivo como forma de avaliar o tema. Nesse contexto, a construção *às vezes* vem anteposta e sinaliza a avaliação do indivíduo sobre a certeza do fato. Vem numa sequência avaliativa, portanto altamente subjetiva. Também é deslocado à esquerda, ou seja, topicalizado na sentença, pois essa posição mais à esquerda é o lugar da construção de intenções e das vontades, logo das informações pragmáticas, conferindo o tom de incerteza da sequência sintática que o sucede (vide exemplos 11,12 e 13). É possível verificar que a construção vem cercada por elementos de polaridade negativa. Considere-se para análise itens de polaridade negativa (**nem**, **não**, etc.) e construções de polaridade negativa (construção da interrogação e de elementos típicos, tais como *será que*).

(11) “Esse contexto caracterizado em 1968 por Guy Debord como “sociedade do espetáculo”, nos faz refletir como as instituições atuais, já não precisam “ser” e às vezes nem mesmo “ter” mas somente “parecer”! (FUVEST/10/05-08)

(12) “Será que o “presente” de nossos antepassados foi tão bom assim? Às vezes o passado, por mais belo que seja, pode não ser tão belo assim”. (FUVEST/04/21-24)

(13) “Muitos por aí dizem que o trabalho dignifica o homem e que se deve estudar sempre para ser alguém na vida. Às vezes pode até não dignificar a pessoa, mas fazer o que se trabalhar se tornou algo essencial para sobrevivência”. (FUVEST/06/03-07)

**ÀS VEZES**<sup>14</sup> – item que vem intercalado, pois parece modalizador de uma certeza, portanto deve vir de uma dúvida, ou seja, um padrão ainda mais abstrato, (vide exemplos 14 e 15).

(14) “O mercado de trabalho brasileiro não dispõe de pessoas especializadas principalmente na área tecnológica. Logo, esses empregadores sentem-se obrigados às vezes, a contratarem estrangeiros reduzindo ainda mais possíveis vagas para os candidatos de sua própria nação”. (UFS/2010/15-19)

(15) “No mercado de trabalho é difícil de encontrar pessoas capacitadas para algumas profissões, por que muitas pessoas **as vezes** até sabe trabalhar naquela função, mais o problema é que muitas empresas não querem só uma pessoa que saiba aquela função, mais quer que aquela tenha alguma formação, como: cursos, formação superior ou escolaridade e tem muitas delas que não tem esse estudo, **as vezes** até por não poder pagar um curso para se aperfeiçoar na profissão”. (UFS/2010/ 01-09)

No *corpus* analisado, identificamos os seguintes padrões funcionais relacionados à construção *às vezes*, agora reorganizados em termos de sua abstratização:

Tempo > alternância temporal > alternância de fato abstrato > dúvida > modalização

De acordo com as acepções descritas acima, transcritas do dicionário de Michaelis (1998), a acepção 1, que remete a *tempo, circunstância* foi a mais recorrente. Dos itens analisados nesse *corpus*, por estar na base de todos os demais padrões e pela própria natureza do *vez*, o mais recorrente foi essa categoria. Porém, ela é mais presente nos textos dissertativos da UFS. A categoria alternância temporal, que remete a acepção 3 do dicionário ocorre, no *corpus* analisado, somente nos textos dissertativos da Fuvest. Num total de três ocorrências. Nas categorias alternância de fato abstrato, dúvida e modalização foram encontrados, respectivamente, cinco ocorrências nas primeiras categorias, nas redações da Fuvest e duas ocorrências na última categoria, nas redações da UFS. Essas categorias não se enquadram em nenhuma das acepções do dicionário de Michaelis (1998), pois são consideradas padrões inovadores e, portanto, não estão presentes na normatização da língua.

Considerando a evolução gramatical aferida no contexto de uso, não há dúvida de que o *continuum* que se desenha (concreto, menos gramatical > abstrato, mais gramatical) representa escalas de gramaticalização. De acordo com Heine *et alii* (1991a, 1993) tempo está mais à esquerda, por isso é mais básico em relação à função pragmática de marcar a incerteza de um fato, logo a dúvida de um indivíduo.

Vale ressaltar que o contraste com o uso não marcado da dúvida, a construção *talvez*, pode nos permitir reconhecer, dentre outras coisas, o seguinte: (i) as peculiaridades de ambas as construções quando desempenham a mesma função de dúvida; e (ii) a rota de gramaticalização da intenção de codificação da dúvida do indivíduo e sua coincidência no desenvolvimento de ambas as construções.

#### e) Padrões funcionais dos itens talvez

Como pudemos demonstrar na tabela 2, as ocorrências relativas à construção *talvez* são timidamente empregadas. Provavelmente, isso se deva ao tipo textual da proposta inicial que deu origem aos textos sob análise. Vejamos os padrões identificados.

**TALVEZ**<sup>16</sup> – inserida num espectro de usos subjuntivo, posto que constrói valores com traço *irrealis*, o que pode ser apreendido tanto num modo subjuntivo (exemplos 16 e 17) quanto num tempo futuro (exemplos 18 e 19). Como está deslocado à esquerda, ocupa a posição de subjetividade. Codifica uma hipótese argumentativa e pode ser elidido do trecho, pois vem sequenciada por uma conjunção condicional SE.

(16) “Portanto, o Brasil precisa reestruturar sua forma de exigência de trabalho, já que muitos são desqualificados para as vagas de emprego existentes, e poucos são qualificados para a quantidade de vagas oferecidas. **Talvez** se houvessem projetos sociais em demasia para qualificar toda a população, a nossa economia se fortaleceria e mostraria o potencial genuinamente brasileiro”. (UFS/2010/18-24)

(17) “Países não dotados de certa riqueza ficam literalmente “parados no tempo”, gerando uma óbvia desigualdade social e o preconceito. Apenas: ruínas de antigas civilizações, construções e monumentos milenares e maravilhas da nossa natureza são consideradas patrimônios da humanidade. **Talvez** já estivesse na hora de anexar a tecnologia neste grupo no qual somente quem possui condições financeiras elevadas consegue adaptar”. (FUVEST/04/14-21)

(18) “O desenvolvimento que tantos procuram e não encontram, **talvez**, nunca será encontrado, pelo simples fato de um querer ser melhor que o outro”. (UFS/2011/20-21)



(19) “*Nossa sociedade, colocada em situações frustrantes, sem a presença da preocupação real dos nossos governantes, que atribuem normas e direitos que levam anos e talvez décadas para serem instaladas na sociedade.*” (UFS/2011/05-08)

**TALVEZ**<sup>20</sup> – situações não *irrealis* também podem conter a construção *talvez*. Porém continua sinalizando incerteza e dúvida.

(20) “*Assim comparando as formas de vida das pessoas podemos notar que quem batalhou, suou muito e que ainda está suando são aqueles que hoje tem uma vida estabilizada, talvez tenha sido cansativo mas fora compensado por ter uma tranquilidade maior.*” (FUVEST/04/21-25)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O *talvez*, segundo Houaiss e Villar (2001), associa-se a dois valores semânticos, um mais neutro e outro, preso à formalidade. Com o valor mais neutro e mais abrangente, esse item sinaliza uma possibilidade, invariavelmente parafraseável por *acaso, quiçá, porventura*. Frequentemente vem combinado com um verbo no modo subjuntivo. Num registro mais formal, esse advérbio pode codificar eventualidade, distinguível em duas acepções muito próximas derivadas da categoria de tempo. Na primeira, é parafraseável por *ocasionalmente, eventualmente, alguma vez*, e, no segundo valor, é parafraseável por *às vezes, por vezes*, em outros usos, é parafraseável por um valor mais alternativo (*ora...ora; umas vezes...outras vezes*).

Os padrões encontrados nos corpora analisados estão inseridos dentro do contexto que explicita vir comumente combinado com um verbo no modo subjuntivo. Apontando para valores com traços *irrealis*, codificando futuro, polaridade negativa ou subjuntivo.

Salientamos que, a palavra *tal* é um pronome, ou seja, uma palavra mais gramatical que agrega o sentido de *semelhança, analogia*, uma característica dos coespecíficos humanos, buscar as semelhanças como forma de comparar e aprender. Portanto, já sinaliza uma imprecisão, uma vagueza que é ligada à palavra *vez*, sinalizadora de ocasião temporal. Sendo assim, ficou mais presa às origens e não demonstrou produtividade (proliferação de funções), mas demonstrou frequência da mesma função *irrealis*.

Das vinte ocorrências encontradas nos corpora analisados, o número de frequências da construção *às vezes* é significativamente maior em relação ao item *talvez*. Isso se deve ao fato de que o item *talvez* está há mais tempo gramaticalizado como advérbio de dúvida, e não admite outras funções que não caiam nesse plano da incerteza e da dúvida. Já a construção *às vezes*, por outro lado, como vem de uma função de tempo, deslizou mais e por isso mesmo tem mais ocorrências.

Feita a análise, agora temos condições de perceber que o item *talvez* apresenta um espectro funcional muito restrito e preso à codificação da intenção de dúvida, diferentemente da construção *às vezes*, que, conjugado ao maior espectro funcional, ainda apresenta uma mobilidade sintática e também invariabilidade flexional, que produz funções e valores inovadores. O ponto de partida para esse deslizamento funcional é a categoria de tempo, que vai ganhando matizes de incerteza a partir da avaliação do indivíduo, inclusive codificada pela modalização de fatos.

O processo de gramaticalização é um dos meios para se explicarem fenômenos em mudança lingüística. É um processo que pode ser entendido como a passagem de itens lexicais (palavras, orações e construções) que designam entidades, ações, qualidades, como nomes, verbos, para itens gramaticais, sendo que estes serviriam para organizar os elementos lexicais do discurso.

Hopper e Traugott (1993) definem a gramaticalização “como o processo pelo qual itens e construções gramaticais passam, em determinados contextos lingüísticos, a desempenhar funções gramaticais e, uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções gramaticais”. A organização dos itens lingüísticos segundo o tipo de categoria poderia representar de modo adequado a dinamicidade desse processo de mudança: **Categoria maior** [nome, verbo, pronome]> **Categoria mediana** [adjetivo, advérbio]> **Categoria menor** [preposição, conjunção].

Ainda que não compreendamos a que remete a adjetivação *menor*, *mediana* e *maior* no que se refere às categorias gramaticais, é possível depreender por essa organização postulada que alguns conjuntos são mais plenos em significação do que outros; que alguns conjuntos estão a serviço de outros conjuntos, mas essa verdade não se aplica a todos os conjuntos. Todas as categorias, contudo, são alvos certos da gramaticalização e podem ser tomados como item-fonte de um processo deflagrado.

## REFERÊNCIAS

- BYBEE, J. *Mechanisms of change in grammaticization: the role of frequency*. In: JANDA, R.; JOSEPH, B. (eds.) *The handbook of historical linguistics*. Oxford: Blackwell, 2003.
- CLARK, E. *Mindware: An introduction to the philosophy of cognitive science*. New York: Oxford University Press, 2000.
- GIVÓN, Talmy. *Compreendendo a gramática*. [coord. trad. Maria Angélica Furtado da Cunha] Natal: EdUFRN, 2011.
- HAIMAN, J. *Iconicity. The encyclopedia of language and linguistics*. Ed. R. E. Asher. Oxford: Pergamon Press, 1994.
- HEINE, B. *et al. From cognition to grammar: evidence from African languages*. In: TRAUOGOTT, Elizabeth Closs; HEINE, Bernd. *Approaches to grammaticalization*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing, 1991. (1991a)
- HEINE, B. *Auxiliares: Cognitive forces and grammaticalization*. Oxford University Press, 1993.
- HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles; FRANCO, Francisco Manuel de Mello. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- HOPPER, Paul; TRAUOGOTT, Elizabeth. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.
- LIMA-HERNANDES, M. C. *Estratificação de usos lingüísticos: inovação e mudança*. Revista Sínteses: p. 307-18. ISSN 1678-1295, 2005.
- LIMA-HERNANDES, M. C. *Esquecimento histórico e mudança lingüística: um risco de vida no português brasileiro*. In: LIMA-HERNANDES et alii. *A língua portuguesa nomundo*. São Paulo: FFLCH-USP, 2008. [www.fflch.usp/eventos/simelp/new](http://www.fflch.usp/eventos/simelp/new)
- LIMA-HERNANDES, M. C. *Neogramático, sim, mas toda a gradiência...* *Revista do GEL* (Araraquara), v.7, p 1-1, 2010.
- MICHAELIS, L. *Moderno dicionário da língua portuguesa*. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1998.